



RESENHA

ENSINAR E APRENDER SOCIOLOGIA NA ESCOLA BRASILEIRA

Beatriz Amorim de Barros¹

Dados da obra

BODART, Cristiano. *O que aprender para ensinar Sociologia*. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2024.

A obra “O que aprender para ensinar Sociologia” foi escrita por Cristiano das Neves Bodart e publicada em 2024 pela Editora Café com Sociologia. O lançamento ocorreu no VI Congresso da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Abecs), na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), evidenciando a relevância tanto da editora quanto da temática do livro para a área de ensino de Ciências Sociais. Destaca-se que o prefácio foi escrito pela professora Rafaela Reis Azevedo de Oliveira, docente da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e presidenta da Abecs à época. Além da apresentação, introdução e considerações finais, o livro possui 250 páginas dispostas em quatro unidades que possuem tópicos de discussão e reflexão acerca das temáticas abordadas, bem como pequenos verbetes de conceitos presentes nos textos e dicas de leituras.

Com o objetivo de incentivar o leitor na busca de seus saberes docentes, na perspectiva de contribuir para seu repertório didático-pedagógico, o livro não se trata de um manual escolar, elucidando qual é o “jeito correto” de ensinar Sociologia na Educação Básica. Pelo contrário, o autor rebate essa ideia, pontuando que não existe uma só forma de docência e seu objetivo não é ensinar a ser professor de Sociologia, mas propor reflexões que auxiliem o leitor, independentemente de seu estágio de formação – podendo ser estudante de graduação a professor da rede da Educação Básica ou do Ensino Superior, por exemplo –, a repensar suas práticas. Essa perspectiva reforça, também, a concepção pluralista da Sociologia Escolar,

¹ Mestranda em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (PPGSOL/UnB). Licenciada em Ciências Sociais e bacharela em Sociologia e Ciências Sociais pela mesma instituição.
E-mail: beatrizbamorim@gmail.com

visto que dialoga a possibilidade de diversas práticas pedagógicas com a diversidade teórica-metodológica da disciplina.

A temática faz parte da agenda de pesquisa do autor, docente no Centro de Educação (Cedu) e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-ICS) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Ademais, o autor é vice-presidente da Abecs e editor-chefe dos Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (Cabecs), da Revista *Latitude* e da Revista *Café com Sociologia*, também é fundador do *Blog* e da Editora *Café com Sociologia*. Quanto a inserção do autor no campo do ensino de Sociologia, sobressalta que somente no ano de 2024 foram publicados 12 artigos de sua autoria, versando sobre os temas de racismo, ensino e história do ensino das Ciências Sociais, além de acumular mais de mil citações em artigos, segundo o Google Scholar. Tendo sua trajetória como panorama, é perceptível que sua posição enquanto um agente no campo de ensino de Sociologia é consolidada e há um trânsito entre a graduação e a pós-graduação, da mesma maneira o diálogo com a Sociologia na Educação Básica e produção científica; essa circulação é evidente em seu novo livro.

A escrita é marcada pelo cuidado didático do autor com o público docente, refletindo a tentativa de diálogo com quem está iniciando a trajetória profissional. Os capítulos são resultados de sistematizações feitas ao longo das experiências do autor na Educação Básica e, posteriormente, no Ensino Superior, somados a anotações e experiências à frente da disciplina de estágio supervisionado na graduação de licenciatura em Ciências Sociais da Ufal. Assim, seu conteúdo é muito próximo da realidade enfrentada no cotidiano escolar.

O livro dá luz a questionamentos que fizeram parte da formação do autor e dialogam com as dificuldades e desafios apontados por estudantes nas aulas de estágio. Dessa forma, torna-se evidente que mesmo a prática docente de Sociologia sendo solitária, visto que na maioria das vezes há um professor da disciplina na escola, bem como o surgimento de inseguranças, como por exemplo o pensamento de “será que aprendi o suficiente para dar aula?”, não são experiências isoladas, mas comuns à construção de uma identidade docente.

Na primeira unidade, intitulada “Ser professor de Sociologia”, o autor contextualiza quem está habilitado a lecionar Sociologia na Educação Básica, trazendo justificativas embasadas na jurisdição e no contexto histórico da disciplina no currículo escolar. Para isso, são mobilizadas portarias do Ministério da Educação (MEC) e Diretrizes Curriculares, além de historicizar reformas educacionais e diferenciar formações, como a complementação pedagógica da segunda licenciatura.

A unidade também apresenta uma reflexão instigante sobre os saberes docentes, desmistificando a ideia de que lecionar é um dom e enfatizando a docência como uma prática profissional construída e aprimorada continuamente. O autor destaca a importância dos saberes pedagógico, disciplinar, curricular, crítico-contextual e experiencial, caracterizando-os de acordo com as Ciências Sociais, mostrando como cada um é essencial para uma prática

educativa que vá além da mera transmissão de conteúdo e ressaltando sua integração. Outro ponto relevante consiste no tópico sobre o estágio supervisionado, que é reconhecido como um espaço essencial de aprendizado prático e reflexivo, fundamental para o desenvolvimento inicial do docente. Entretanto, o ponto-chave desta seção, em minha perspectiva, consiste na definição da prática docente como uma tarefa processual, composta pelos saberes docentes que não se desenvolvem cada um em um momento, mas de forma integrada.

Por conseguinte, a segunda unidade, denominada “O quê e para quê ensinar Sociologia”, aprofunda a caracterização da Sociologia Escolar, diferenciando-a do Ensino Superior e evidenciando sua natureza abrangente, que incorpora temas das Ciências Sociais em sua totalidade, incluindo a Antropologia e a Ciência Política. Essa abordagem reforça a especificidade do ensino de Sociologia na Educação Básica, orientado não apenas pelo domínio teórico, mas pela articulação com os objetivos definidos pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, como o preparo para o exercício da cidadania e para o mundo do trabalho. Nesse sentido, percebe-se que o livro está cumprindo com seu objetivo, ligando conhecimentos pedagógicos à reflexão sociológica, bem como demarcando a função social que a Sociologia possui, fundamentada pela LDB.

De igual maneira, o autor se preocupa em detalhar os conceitos de “alfabetização sociológica” e “letramento sociológico”. A alfabetização sociológica é entendida como a “aquisição do aparato teórico-social das Ciências Sociais” (BODART, 2024, p. 68) desenvolvida de forma gradual no decorrer da desnaturalização do mundo social provocada pela introdução do conhecimento epistêmico. O letramento sociológico, por sua vez, refere-se à capacidade de mobilizar o conhecimento epistêmico para compreender de maneira mais profunda as estruturas sociais, relacionando-as ao contexto dos estudantes e capacitando-os para a análise crítica e a ação transformadora. Esses conceitos, pouco aprofundados e mobilizados em espaços das Ciências Sociais, são apresentados de forma sistematizada e acessível, enriquecendo o repertório teórico e prático do leitor.

Outro ponto de destaque é a contextualização histórica do ensino de Sociologia, que remonta ao século XIX e permite compreender os desafios atuais a partir de uma perspectiva histórica. Ainda na segunda unidade, o autor analisa como os projetos de sociedade e as funções atribuídas à escola moldaram a presença da Sociologia no currículo ao longo do tempo. Desde sua inclusão formal, em 1930, até a reintegração, em 2008, pela Lei nº 11.684, a disciplina esteve no centro de disputas ideológicas, como exemplificado pela oposição entre a Sociologia Católica e a vertente crítica – a última, predominante na contemporaneidade.

O autor sintetiza essa trajetória por meio de um quadro (BODART, 2024, p. 88) que reúne os principais marcos temporais da história do Ensino de Sociologia no Brasil. Esse recurso didático, além de ser um elemento de grande valor pedagógico, contribui para a compreensão do processo de autonomização da Sociologia Escolar, que se encontra em curso

(Oliveira, 2023). Reconhecemos como agentes e iniciativas que têm fortalecido essa autonomização do campo de pesquisa de ensino de Sociologia, que abarca a Sociologia Escolar, a criação de organizações como a Abecs, eventos como o Encontro Nacional do Ensino de Sociologia na Educação Básica (Eneseb) e a inclusão da Sociologia em políticas públicas educacionais, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação À Docência (Pibid) e o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD).

Por outro lado, a análise não deixa de evidenciar os desafios contemporâneos, especialmente no contexto da Reforma do Ensino Médio. A substituição da Sociologia por “estudos e práticas da Sociologia” e a redução de sua carga horária representam retrocessos significativos, que comprometem a consolidação da disciplina como ferramenta crítica e formativa. A unidade, portanto, oferece uma visão ampla e crítica sobre a Sociologia escolar, articulando sua relevância histórica, seus desafios atuais e sua importância para a formação de cidadãos conscientes e engajados.

A histórica falta de estabilidade da Sociologia no currículo é frequentemente citada como uma das principais causas de várias deficiências no ensino da disciplina. Entre essas deficiências, destacam-se a escassez de recursos didáticos, a ausência de um currículo bem estruturado, obstáculos na formação de professores e a baixa procura pelos cursos de licenciatura em Ciências Sociais. Compreender esse contexto histórico nos auxilia a entender melhor a situação atual da Sociologia escolar e os desafios a serem enfrentados (Bodart, 2024, p. 87).

Conhecer a história é importante para compreender as transformações sociais, culturais e políticas que moldaram o presente, permitindo-nos construir um futuro mais consciente e responsável. Em especial, a história da Sociologia na educação brasileira é relevante para que, ao identificar a temporalidade de suas presenças e ausências, possamos entender as fragilidades e desafios atuais, orientando ações que promovam uma formação cidadã e crítica.

A terceira unidade, “Como ensinar Sociologia?” reflete sobre aspectos fundamentais do planejamento e execução do ensino na disciplina, enfatizando o papel do professor como facilitador e mediador do conhecimento. O autor explora ferramentas como planos de disciplina, planos de aula e sequências didáticas, apresentando-os como instrumentos essenciais para organizar o ensino e torná-lo mais efetivo. Também é apresentada e discutida a importância do planejamento como orientador do processo de construção do conhecimento, bem como a avaliação como um mecanismo para acompanhar e ajustar esse processo, defendendo uma abordagem gradual que parte do repertório prévio dos estudantes para alcançar conteúdos mais complexos. Essa discussão é difundida por meio de quadros que sugerem, por exemplo, verbos a serem utilizados em planos de disciplina e em planos de aula. Esses recursos, ao meu ver, são dinâmicos, devido ao fato de transpor a discussão a exemplos concretos que podem ser adotados.

Mesclando conhecimentos pedagógicos e sociológicos, a unidade define conceitos como artefatos culturais, recursos e estratégias didáticas, refletindo sobre sua aplicabilidade em sala de aula e sugerindo materiais e temas. Além disso, reflete sobre o conceito, a teoria, o tema e a pesquisa como pressupostos metodológicos de ensino, balanceando os prós e contras de cada um desses princípios, seguindo para uma análise dos diferentes tipos de aula – temática, bacharelesca, contextualizadora e instrumentalizadora – de uma forma moderada, também elucidando pontos positivos e negativos de cada modelo de aula. O autor ressalta que, à medida que os saberes docentes são desenvolvidos, ocorre uma melhora na prática e na diversificação metodológica.

Um outro ponto importante é a reflexão sobre a abordagem de temáticas sensíveis, como desigualdade social, racismo, gênero e violência, questões inevitáveis no ensino de Sociologia. Essas controvérsias são inerentes à disciplina e, se bem conduzidas, podem criar um espaço propício para discussões fundamentadas e críticas. São propostas estratégias para lidar com manifestações de intolerância e generalizações, utilizando o que chama de “decomposição e recomposição” dos conhecimentos.

Ensinar Sociologia é, necessariamente, realizar embates com inverdades, assim como ocorre em todas as disciplinas escolares. No entanto, no caso da Sociologia, esses embates muitas vezes envolvem crenças, valores e compreensões sobre relacionamentos interpessoais, o que demanda cuidado e sensibilidade para evitar situações constrangedoras ou até mesmo violentas (Bodart, 2024, p. 174).

Por fim, a unidade reflete sobre diferentes tipos de aula, incluindo modelos tradicionais como a aula expositiva – que pode ser dinamizada para maior interação – e práticas inovadoras como debates, seminários, atividades fora de sala e o caderno sociobiográfico, um recurso que se destaca por seu caráter inusitado e potencial reflexivo. Assim, a unidade oferece uma visão abrangente e prática, integrando metodologias diversas e uma reflexão crítica sobre o papel do professor no ensino de Sociologia.

Em sequência, a unidade quatro, intitulada “Como avaliar no ensino de Sociologia?” foca no processo avaliativo. Com propostas de avaliação da alfabetização sociológica e do letramento sociológico, a seção desconstrói a noção de avaliação como resultado, contrapondo que trata-se de um processo. Dessa forma, o autor sugere diversificar estratégias de avaliação ao longo do ano, fazendo uso de recursos que os estudantes estejam familiarizados, além de conceituar os tipos de avaliação diagnóstica, formativa e somativa, mais uma vez prezando pela interdisciplinaridade entre Pedagogia e Sociologia. Assim, define que uma avaliação deve “incentivar o estudante a refletir criticamente sobre sua própria posição na sociedade e a entender as conexões entre biografia e história” (Bodart, 2024, p. 220).

Por fim, as considerações finais retomam as discussões feitas ao longo da obra, ressaltando que o seu objetivo não é tornar o leitor o melhor professor ao terminar de ler, mas

um professor melhor após as reflexões compartilhadas. Destaca-se que a prática docente é um processo desafiador, contudo, é ao mesmo tempo uma descoberta contínua, que dá a possibilidade de inovar e que o conhecimento é construído coletivamente, em conjunto aos estudantes. Quanto ao papel do professor de Sociologia, é sintetizado em mediar o conhecimento, estimular o pensamento crítico e o letramento sociológico, além da necessidade de trabalhar com abordagens pluralistas, reconhecendo diferentes teorias que compõem as Ciências Sociais. Ademais, a integração da prática docente com as discussões sobre o ensino de Sociologia é fundamental e bem pontuada, uma vez que a formação continuada deve ser priorizada.

Como o autor destaca:

A formação de professores, especialmente para uma disciplina tão fundamental quanto a Sociologia, exige um olhar atento às especificidades do contexto escolar, às realidades dos estudantes e à complexidade dos fenômenos sociais abordados em sala de aula (Bodart, 2024, p. 245).

Nesse sentido, o livro cumpre com seus objetivos e consegue, de uma forma autêntica e próxima ao leitor, refletir sobre o papel da Sociologia e seu contexto no currículo escolar, bem como sobre seu objetivo pedagógico. Para isso, é realizada uma integração entre conhecimentos sociológicos e pedagógicos ao longo de toda a obra, evidenciando a necessidade de maior aproximação entre essas áreas para o aprimoramento de questões no campo do ensino de Sociologia. Ainda assim, houve espaço para indagações próprias da Sociologia, como por exemplo a proposta de mobilização de teorias de clássicos, como Karl Marx e Max Weber, e contemporâneos, como Anthony Giddens e Pierre Bourdieu, este e Bernard Lahire foram utilizados como referenciais teóricos em alguns momentos.

Acredito que a obra é uma leitura necessária não somente para docentes da Educação Básica ou do Ensino Superior que lecionam disciplinas voltadas à licenciatura em Ciências Sociais, mas também para pesquisadores do campo do ensino de Sociologia, estudantes de graduação e pós-graduação, visando desenvolver análises mais profundas a partir da correlação entre a Sociologia e a Pedagogia. É possível observar, a partir de reflexões e inseguranças que o autor acreditava serem individuais, que há diversas “obviedades não ditas” que podem compor a agenda de pesquisa do campo de ensino de Sociologia, sobretudo voltado aos estudos da Sociologia Escolar.

À vista disso, a obra apresenta uma contribuição inestimável para o ensino de Sociologia na Educação Básica, oferecendo reflexões teóricas e ferramentas práticas que auxiliam os professores a enfrentar os desafios cotidianos da docência. Com uma abordagem clara e didática, o autor destaca a relevância da disciplina na formação crítica e cidadã dos estudantes, além de fornecer estratégias pedagógicas concretas que podem ser aplicadas em sala de aula. Ao articular a Sociologia com a Pedagogia, o livro amplia a compreensão sobre o papel da Sociologia Escolar e propõe caminhos para fortalecer sua presença no currículo.

Por esses motivos, a leitura é altamente recomendada para professores que já atuam na área, bem como para futuros(as) docentes, posto que oferece uma base sólida e reflexiva para a prática profissional, ao mesmo tempo em que contribui para a valorização e consolidação da Sociologia na Educação Básica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Amurabi. *O campo do ensino de sociologia no Brasil: gênese, agentes e disputas*. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2023.

Recebido em: 04 de dezembro de 2024.

Aceito em: 06 de janeiro de 2025

COMO REFERENCIAR ESTE TEXTO:

BARROS, Beatriz Amorim de. Ensinar e aprender Sociologia na escola brasileira. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*. CABECS, v.8, n. 2, p.01-07, 2024.